

# AFRICANIDADE E CONTEMPORANEIDADE DO PORTUGUÊS DE COMUNIDADES AFRO- BRASILEIRAS NO RIO GRANDE DO SUL

Antonio Carlos Santana de Souza

Professor  
Adjunto da  
Universidade  
Estadual de  
Mato Grosso  
do Sul. E-mail:  
acssuems@gmail.  
com

## CONTATOS LINGÜÍSTICOS NO BRASIL

As pesquisas e enfoques na área de **Sociolinguística e Dialectologia** tem como foco central o estudo da relação entre o uso da língua falada e o contexto social. A correlação entre esses dois eixos – linguístico e extralinguístico – em situações de contatos linguísticos e de plurilinguismo envolvendo línguas minoritárias em contato com o português, no entanto, só nos últimos anos, a partir das políticas de fomento da diversidade linguística vem ganhando um impulso mais significativo (cf. MELLO; ALTENHOFEN; RASO, 2011; ALTENHOFEN, 2013a). O objeto da pesquisa realizada no meu Doutorado aparece nessa perspectiva por ter abordado a “língua afro-brasileira”, sendo o tipo de contato historicamente um contato africano-português, porém sincronicamente uma modalidade de contato intervareietal, de variedades do português de base histórica distinta.

Para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que leva a cabo o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), o *português afro-brasileiro* designa uma variedade constituída pelos padrões de comportamento linguístico de comunidades, na sua maioria rurais, compostas predominantemente por descendentes de escravizados que se fixaram em localidades remotas do interior do país, praticando até os dias de hoje a agricultura de subsistência. Muitas dessas comunidades têm a sua origem em antigos “quilombos” de escravizados foragidos e ainda se conservam em um grau relativamente alto de isolamento. Esta visão mais tradicional de comunidades “antigas”, “isoladas”, “predominantemente rurais” e “eticamente demarcadas” parece ser também a visão corrente no senso comum.

Segundo essa perspectiva, o português afro-brasileiro guarda uma especificidade no universo mais amplo do português popular rural brasileiro (ou, mais precisamente, norma popular rural do português brasileiro), não apenas pelas características sócio-históricas próprias às comunidades em que ele é falado, mas, sobretudo, pelas características linguísticas que o distinguiriam das demais variedades do português popular do Brasil (ou melhor, da norma popular brasileira)<sup>1</sup> (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009, p. 32).

## O DISCURSO SOBRE A INFLUÊNCIA AFRICANA NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Seguindo esse mesmo ponto de vista linguístico, Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009, p. 31-33) centram seu trabalho no caráter pluriétnico do Brasil, dando especial atenção às comunidades rurais afro-brasileiras isoladas, ampliando o conhecimento sistemático acerca da realidade linguística destes grupos e comunidades, para eles falantes do que denominam de *português afro-brasileiro*. A definição desse conceito fundamenta-se, não em parâmetros étnicos, mas em parâmetros sócio-históricos. Não se reconhece no Brasil uma fronteira linguística determinada por fatores étnicos, como ocorre, por exemplo, nos EUA, onde o chamado *Black English* constitui uma variedade específica do inglês empregada pelos afro-americanos. Mas o português afro-brasileiro não é o português empregado pelos afro-brasileiros em geral. Muitos praticam a **norma culta brasileira ou a norma popular urbana, ou rurbana**.

Algumas, porém, foram adquirindo forçosamente, em seu processo de integração, os padrões urbanos de maior valor simbólico, dando origem ao indivíduo **rurbano** (ALTENHOFEN, 2006) marcado por seu caráter híbrido. Nesse contexto, as comunidades afro-brasileiras constituem um espaço único para a pesquisa em linguística sócio-histórica que visa a rastrear os reflexos do contato entre línguas na estrutura gramatical das variedades

1 A etnolinguista Yeda Pessoa de Castro alerta para a “falta de dados” no tocante às línguas de origem afro-brasileira, onde a carência de informações e registros ainda é maior. Sistemas lexicais de diferentes línguas africanas, segundo Yeda, foram preservados pelas religiões afro-brasileiras como marca litúrgica. Mas, de acordo com a pesquisadora, nenhuma língua original da África continua sendo falada no País, nem em comunidades de remanescentes de “quilombos”. A pesquisadora observa que as cerca de 500 línguas faladas pelo grupo Banto na região central e sul da África foram as que mais influenciaram o português do Brasil; mas, para a ela, as línguas africanas no Brasil foram historicamente “desprezadas”. “Quais universidades se dedicam a pesquisas?”, questiona. “São vistas como línguas que nem faladas eram. Parece que os 4 milhões de africanos trazidos para cá eram mudos.” Disponível em: [http://www.ufcg.edu.br/prt\\_ufcg/assessoria\\_imprensa/mostra\\_noticia.php?codigo=7131](http://www.ufcg.edu.br/prt_ufcg/assessoria_imprensa/mostra_noticia.php?codigo=7131). Acesso em: 17 de outubro de 2014.

atuais do português brasileiro. Ao reunir essas características, essas comunidades de fala ocupariam um papel específico no cenário das variedades do português do RS. Essa especificidade seria atestada com a identificação nelas de processos de variação que estariam ausentes em outras comunidades de fala.

#### AFRODESCENDENTES NO CONTEXTO DAS LÍNGUAS MINORITÁRIAS

A investigação acerca das línguas africanas é ciência recente; muito se baseou nos estudos de Nina Rodrigues, Jacques Raimundo e Artur Ramos, entre outros. Nosso trabalho configura-se em mais um esforço para integrar os estudos de línguas africanas e seu contato com a língua portuguesa no Brasil e seu reflexo sobre a língua falada atualmente por afro-brasileiros (FIORIN; PETTER, 2009; LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO 2009). As pesquisas realizadas por linguistas estrangeiros também contribuíram significativamente para aprofundar o conhecimento da verdadeira extensão da participação da África na formação da língua portuguesa no Brasil (NARO; SCHERRE, 1993; BONVINI, 2009).

#### COMUNIDADES AFRO-BRASILEIRAS NO RIO GRANDE DO SUL

A história da população afro-brasileira no RS se confunde com a história de formação e integração/incorporação do território, mais tarde Estado, ao Brasil. Quando da fundação de Laguna, Santa Catarina, em 1686, para servir de ponto de apoio à Colônia de Sacramento, começa a exploração do afrodescendente na região. Esses escravizados começaram a ser levados em maior número ao Estado do Rio Grande do Sul, a partir do final do século XVIII, com o desenvolvimento das charqueadas, e chegaram a representar metade da população rio-grandense em 1822. O Rio Grande do Sul chegou a ser o segundo Estado brasileiro em número de escravizados na primeira metade do século XIX, perdendo apenas para a Bahia. Todavia, grande parte dessa população afro-gaúcha iria morrer durante a Guerra do Paraguai e a Revolução Farroupilha, chegando a cair de 50% em 1822, para 25% do total da população da província em 1858 (LAYTANNO, 1942; MAESTRI, 1984). Outro fator importante para a diminuição da participação dos afrodescendentes na população gaúcha, durante o século XIX, foi o tráfico interno. Hoje, os afro-brasileiros representam cerca de 9% da população gaúcha (por volta de 970 mil pessoas), a maior parte concentrando-se

em cidades médias e grandes, principalmente na Grande Porto Alegre e região de Pelotas; e uma grande parcela significativa nas comunidades afro-brasileiras espalhadas pelo Estado. Participaram da pesquisa as seguintes comunidades:

1) *Região do Litoral/Lagunas*: RS01 – Morro Alto (Osório); 2) *Região Metropolitana*: RS02 – Família Fidelix (Porto Alegre); 3) *Região das Antigas Charqueadas* – RS03 Maçambique (Canguçu); 4) *Região dos Pampas*: RS04 – Palmas (Bagé); 5) *Região da Depressão Central*: RS05 – Cerro Formigueiro (Formigueiro); 6) *Serrana/Imigração*: RS06 – São Roque (Arroio do Meio); 7) *Região das Missões*: RS07 – Comunidade Quilombola Correa (Girua).

Segundo o INCRA-RS, o RS possui cadastradas 155 comunidades em 82 municípios que englobam 3831 famílias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

**À guisa de conclusão, vale destacar ao menos dois pontos relevantes que serviram** de motivação à finalização do estudo. Primeiro, tratar-se da linguagem de um tipo de minoria, cuja linguagem não se encontra em um processo de obsolescência no que diz respeito à espacialidade sul-riograndense. Temos plena certeza que com ele, pelo menos parte de nossa riqueza linguística fica registrada. Em segundo lugar, o estudo tem seu valor como registro da fala regional brasileira, especificamente do RS; afinal, o que as comunidades afro-brasileiras estudadas falam é uma variedade do português.

Com o auxílio dos Laudos Antropológicos constantes nos Relatórios Técnicos de Identificação e Delimitação, conseguimos destacar situações sociais que possivelmente influenciaram a linguagem falada nas comunidades afro-brasileiras:

- a) A formação das próprias comunidades com elementos portugueses e escravizados (que constituem a maioria absoluta dos moradores dessas comunidades);
- b) Os fatores político-econômico-administrativos (por exemplo, a abertura de estradas, BR-101, como no ponto RS01);
- c) A amálgama e modos de fala regionais ou sociais com a vinda de imigrantes (como se observou no ponto RS06), e a saída das comunidades dos homens mais velhos e dos jovens (RS01, RS02, RS04,

- RS07), além dos conflitos/disputas e invasões dos seus territórios (no caso do RS01, RS 02, RS04);
- d) O efeito nivelador dos meios de comunicação de massa (televisão e rádio);
  - e) A difusão de novos sistemas de ideias religiosas, com a propagação de igrejas evangélicas no seio das comunidades (a exemplo de RS01 e RS03 que estão perdendo sua identidade manifestada culturalmente por meio de congadas e maçambique).

A realização deste estudo permitiu, enfim, entender um pouco melhor a dinâmica de formação do português em comunidades desse tipo, historicamente segregadas em virtude de sua condição de opressão, porém não descontextualizadas, tampouco tão isoladas que só se possa pensar em formas arcaicas.

## REFERÊNCIAS

- ALTENHOFEN, Cléo V. Interfaces entre dialetologia e história. In: MOTA, Jacyra; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (orgs.). *Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador : Quarteto, 2006. p. 159-185.
- ALTENHOFEN, Cléo V. Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, Christine et al. (orgs.). *Política e políticas linguísticas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p. 93-116.
- BONVIN, I Emílio. Línguas africanas e português falado no Brasil. IN: FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida Maria Taddoni. *África no Brasil – a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 15-62.
- LAYTANO, Dante. *Alguns aspectos da história do negro no RS*. In: RS – Imagem da terra gaúcha. Porto Alegre, 1942.
- LAYTANO, Dante. *Os africanos no dialeto gaúcho*. Revista n°. 62 do IHG do RS. Porto Alegre, 1936.
- LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- MAESTRI FILHO, Mario José. *O escravo no Rio Grande do Sul: a charqueada e a gênese do escravismo gaúcho*. Caxias do Sul: EDUCS, 1984
- MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- NARO, Anthony J.; SCHERRE, Maria Marta P. *Sobre as origens do português popular do Brasil*. In: D.E.L.T.A., São Paulo, v. 9, n. especial, 1993, p. 437-454.
- PETTER, M. M. T.; FIORIN, J. L. *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2009.